



MENINA DE OURO: CONSTRUÇÃO DE UMA FEMINILIDADE NÃO NORMATIZADA

Paula Nunes Chaves¹
Mayara Cristina Mendes Maia²
Allyson Carvalho de Araújo³

PALAVRAS-CHAVE: Feminilidade; Boxe; Esporte.

INTRODUÇÃO

O trabalho caracteriza-se como exploratório a partir da pesquisa “Gênero, sexualidade e esporte: descentramentos da virilidade no cinema.” O recorte do texto centraliza a análise no filme *Menina de Ouro* (2005), produção cinematográfica norte-americana, que aponta o descrédito da figura feminina enquanto partícipe ativa do mundo do boxe, considerado de domínio masculino, justificado pela noção de superioridade da anatomia corporal do homem.

Nesse sentido, a pesquisa objetiva destacar e discutir elementos que generificam a prática do boxe na produção em tela, bem como discutir a construção de uma nova forma de ser feminino a partir do processo de virilização/aumento do volume muscular da personagem. O trabalho justifica-se pela necessidade de discutir as novas demandas emergentes de gênero, que descontroem paradigmas no cenário esportivo. A pesquisa tem caráter descritivo e abordagem qualitativa, adotando como recurso metodológico a descrição da experiência estética das imagens do cinema a partir de Gumbrecht (2006, p.55). Aciona-se no debate referências do campo da comunicação e da Educação Física para auxiliar na análise.

DISCUTINDO AS FEMINILIDADES EM *MENINA DE OURO*

Ao nos reportamos à cultura esportiva do boxe, visualizamos corpos distantes do arquétipo de mulher dócil e delicada. Nesse sentido, ao tencionar sobre as representações de feminilidade e masculinidade no boxe, Araújo (2012, p.72) toma como exemplo as narrativas de *Rocky Balboa* para explicitar o protótipo de homem, forte e viril, cuja masculinidade é indubitável, enquanto a figura feminina se expressa na série como a esposa frágil e paciente.

Essas representações e elementos que generificam o boxe, no caso da *Menina de ouro*, se manifestam primeiramente na recusa do personagem Frank em treinar a personagem principal (Maggie), justificando tal atitude pelo fato desta ser uma mulher. Ela, por sua vez, não desiste, reproduzindo em seu discurso a relação linear existente entre o boxe e a força/atitude, atreladas a imagem de masculinidade.

A protagonista pretende ser reconhecida porque é capaz e competente, e não desacreditada por um dado biológico (ser mulher). Com o desenvolvimento do treinamento, a personagem principal aprimora sua técnica, movimentação corporal, agilidade e força, bem como, desenvolve seus músculos, fazendo-a subir de categoria de peso leve para meio-médio (FERNANDES; MOURÃO, 2012, p. 102). Nesse sentido, Maggie se viriliza para adentrar no esporte, que sempre a negou por ser mulher. É nessa lógica que, inicialmente, ela esconde seu corpo ainda “feminino” através de vestimentas de treino como calças, camisetas de manga, porque esse corpo não definido por músculos a fazia parecer frágil e não viril, em um espaço de treinamento tradicionalmente masculino, marcado pelo vigor corpóreo. Ao longo do processo de transformação corporal que Maggie sofre devido ao treinamento forte e contínuo, seu corpo desenhado por músculos passa a ser mostrado tanto no âmbito do treino quanto de competições através de roupas menores, como shorts e regatas, que deixam as costas à mostra

ressaltando seu corpo marcado por músculos, sinônimo de força e virilidade. Ao pensar esse processo, a própria capa original do filme é emblemática ao enfatizar o corpo musculoso da personagem feminina, tendo em vista que seu rosto aparece de perfil com uma expressão fechada, existindo uma ênfase central nas suas costas e braços extremamente definidos em termos de contornos corporais e desenho muscular.

Esse fortalecimento corpóreo é tido como inevitável tendo em vista que “aprender a boxear é modificar insensivelmente seu esquema corporal, sua relação com seu corpo e o uso que dele fazemos habitualmente [...]” (WACQUANT, 2002, *apud* FERNANDES; MOURÃO, 2012, p.103). No entanto, o processo de tonificação muscular associado a uma despreocupação da personagem em mostrar-se feminina através de suas vestimentas e aparência (sem utilização de maquiagens ou adornos), mesmo fora do ambiente de trabalho nos faz pensar que a personagem não afirma em seu corpo, códigos de uma feminilidade tradicional. Nesse caso, os códigos convencionais e gestos delicados são substituídos por uma arquitetura corporal musculosa, construindo uma feminilidade singular, não normatizada, marcada pela virilidade de seu corpo e pelas poucas inscrições e cuidados culturalmente tidos como femininos. Corroborando com esse pensamento, Jaeger e Goellner (2011, p. 955) apontam que as práticas esportivas, desde muito tempo, tem se constituído como espaço de identificação e expressão de feminilidades diferentes. Não sendo recente a visibilidade de corpos de mulheres que rompem com as representações produzidas culturalmente e direcionadas para o feminino.

No desenrolar da narrativa fílmica, Maggie é representada como uma mulher vencedora e eficaz em um esporte generificado como masculino. O filme quebra com o arquétipo da mulher frágil e do homem viril, de maneira que esse modelo binário já não mais se sustenta para a narrativa em questão. É nesse contexto, que *Menina de Ouro*, descentraliza a possibilidade de que o único sexo capaz de ser viril e atlético no boxe é o masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se reportar ao submundo do marginal, representado pelo feminino, o filme nos mostra para além da mulher viril, o alargamento das representações de feminilidades no cenário esportivo e legitima a possibilidade da expressão de uma feminilidade diferente e singular, não normatizada a partir da visualização do corpo da boxeadora muscularmente potencializado, cuja arquitetura e desenho corporal tenciona e desestabiliza as representações binárias e biologizadas de gênero. (JAEGER; GOELLNER, 2011, p.966).

Assim, acreditamos não ser errado pensar que “certamente continuam a existir os tradicionais conceitos de masculinidade e feminilidade, mas hoje eles estão em xeque a partir das novas demandas sociais e dos debates a elas correspondentes”. (VAZ; MELO, 2009, p. 139). Sendo necessário pensar um modelo de sujeito esportivo multifacetado, móvel, que está reconstruindo seus papéis constantemente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A.C. *Elementos do pós moderno na representação do esporte no cinema contemporâneo*. 2012. 153 f. Tese (Doutorado em Comunicação)- UFPE, Recife, 2012.

MELO, V.A.; VAZ, A.F. cinema, corpo, boxe: reflexões sobre suas relações e a questão da construção da masculinidade. In: MELO, V.A, DRUMOND, M. (Orgs.). *Esporte e cinema: novos olhares*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009, p.95-143.

FERNANDES, V.; MOURÃO, L. O discurso de feminilidade no boxe a partir da análise do filme menina de ouro. In: ANAIS DO IV ENCONTRO NACIONAL OBSERVATÓRIO DE MÍDIA ESPORTIVA, São João Del Rei/MG, 2012, p.98-106.

JAEGER, A; GOELLNER, S.V. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. *Estudos feministas*, Florianópolis, v.19, n.3 p. 955-975, set-dez/2011.

GUMBRECHT, H. U. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos.

In: GUIMARÃES, Cesar; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos (Orgs.). *Comunicação e Experiência estética*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

¹ Graduanda/Educação Física/UFRN. Bolsista PROPESQ. E-mail: paulinha_nunes3@hotmail.com.

² Graduanda/ Educação Física/UFRN. Bolsista PROPESQ. E-mail: mayamaia@hotmail.com.

³ Prof. Adjunto I. Dep. Educação Física/UFRN. E-mail: allyssoncarvalho@hotmail.com.